

Editorial: Uma inquietante questão!

DOMINGO M. BRAILE*

O Brasil, apesar de sua miséria, pobreza e criatividade na busca de soluções, tem sido, talvez pelos seus contrastes, uma nação em foco na discussão de problemas cruciais do mundo contemporâneo.

A distribuição geográfica do progresso inomogêneo neste país continental faz-nos admitir que existam vários países integrados sob uma mesma bandeira.

De fato, dos 150 milhões de habitantes que compõem nossa população:

- a. 53 milhões (35%) vivem abaixo da linha da pobreza, com renda familiar mensal menor que US\$ 60;
- b. 27 milhões (18%) estão em situação ainda pior, configurando verdadeiros miseráveis com renda familiar mensal abaixo de US\$ 30;
- c. 13 milhões (8%) que, apesar de não estarem absolutamente abaixo da linha da pobreza, sobrevivem em situação nutricional de carência.

São portanto 93 milhões de pessoas (62%) em estado de penúria, nos quais os problemas sociais juntam-se com as doenças e a desnutrição.

Finalmente encontramos uma população de 57 milhões de habitantes (38%) que vivem em condições semelhantes àquelas dos países desenvolvidos.

Eis aqui o grande paradoxo. A inquietante questão da saúde no Brasil: temos que enfrentar as doenças próprias dos países subdesenvolvidos que incidem de forma intensa sobre 93 milhões de pessoas, e ainda fazer face às doenças típicas das sociedades industriais desenvolvidas, tendo como alvo de risco 57 milhões de pessoas, um contingente duas vezes maior que a população do Canadá!

É neste contexto que temos que inserir os problemas da estimulação cardíaca no Brasil.

Com 8 milhões de chagásicos, dois quais 30% com alterações eletrocardiográficas e metade destes com problemas no ritmo cardíaco, temos cerca de 500.000 com bloqueio AV avançado ou total, necessitando, de forma urgente, implante de marcapasso (MP).

Sem dúvida, pertencem à classe de baixa renda e não dispõem de recursos econômicos para sustentar um sistema que lhes permita dispor de aparelhos, que tem seus preços ditados pela economia do primeiro mundo.

Por outro lado, a medicina moderna e principalmente o combate às infecções têm elevado a expectativa de vida do país, que ainda é muito baixa, em torno de 65 anos. Porém, quanto melhor for a prevenção das doenças, maior será a sobrevivência de forma geral, forçando a de-

manda de cuidados para os pacientes da sexta, sétima e oitava décadas, com aumento da necessidade do emprego de MP, uma vez que as doenças degenerativas do sistema de condução surgem nesses períodos.

Consideradas estas premissas, analisemos qual a situação atual da estimulação cardíaca no país.

Implantaram-se no Brasil, no ano de 1990, 8.000 MP. Em 1991, este número deverá ser reduzido, pelos problemas econômicos enfrentados pelo Ministério da Saúde, a partir do mês de setembro, praticamente parализando o setor.

Considerando uma população de 150 milhões de pessoas, chegamos facilmente ao cálculo de uma incidência de implantes de 53 MP por milhão de habitantes em 1990.

Na Argentina, implantam-se 200 MP por milhão de habitantes, mesmo considerando que não existam lá os 500.000 chagásicos com bloqueio AV total forçando a demanda.

Quando comparados com números de outros países, os nossos são irrisórios!

Cabe aqui agora analisar as causas deste quadro.

A assistência médica no país têm sido promovida pelo setor público e pelo setor privado. Com um produto interno bruto (PIB) de US\$ 330 bilhões em 1990, o Brasil desti-

* Prof. Dr. do Curso de Pós-graduação em Cir. Cardiovascular da Esc. Paulista de Medicina e Cirurgião-chefe e Diretor do Inst. de Moléstias Cardiovasculares de S. José do Rio Preto.

nou para a saúde apenas 3,8% do total assim distribuídos:

1,8% do setor público

2,0% do setor privado

resultando na quantia de US\$ 86 por habitante por ano para fazer face a todas as despesas com assistência médica e sanitária.

Quando comparamos estes dados com o de outros países, fica evidente a grande disparidade com os países desenvolvidos e mesmo com outros semelhantes ao nosso. Assim, os gastos com saúde nos diferentes países são:

USA US\$ 2500/habitante/ano
(1989) ou 12,0% do PIB

Canadá US\$ 483/habitante/ano
(1989) ou 8,6% do PIB

Portugal US\$ 386/habitante/ano
(1989)

Grécia US\$ 337/habitante/ano
(1989)

Argentina US\$ 300/habitante/ano.
(1990)

Mas existe uma situação ainda mais insólita.

O setor público, com 1.8% do PIB direcionado para a saúde, responsabiliza-se pela assistência médica de 80% da população, com um gasto de US\$ 49/habitante/ano.

Os 2% do PIB empregados pelo setor privado cobrem os custos de mais ou menos 20% da população, resultando em recursos da ordem de US\$ 220/habitante/ano, permitindo uma assistência de melhor qualidade para esta faixa populacional.

Estes dados mostram a distribuição perversa da renda nos países subdesenvolvidos, fato este agravado nas últimas décadas.

Num país pobre, os pobres pagam muito e pouco recebem, porque são muitos.

O setor da estimulação cardíaca, ao contrário do que se pensa, não é inviável.

Se admitirmos uma demanda de 10 mil MP por ano, insuficiente porém condizente com a situação atual de diagnóstico, considerando que cada implante de MP tem um custo de 5 mil dólares, resulta uma despesa de 60 milhões de dólares por ano, ou seja, 0,30 dólar/habitante/ano, ou ainda, cerca de Cr\$ 25,00/habitante/mês ao câmbio atual.

Se houvesse menos desvio do dinheiro público e um pouco mais de eficiência, este custo seria facilmente absorvido.

Por outro lado, o seguro saúde privado que não tem dado a necessária cobertura ao setor das órteses e próteses, que compreendem os marcapassos, não tem motivo de não fazê-lo.

Com mensalidades que variam entre 20 e 100 dólares, o gasto de 0,30 dólar/segurado/ano para pagar um MP em nada onerará seus grandes lucros, aumentando ainda seu prestígio, além de aliviar o setor público.

As pessoas com melhor nível de renda podem e devem participar ativamente do setor saúde, lembrando-se que não é só pagando impostos e taxas que ficam livres da sua dívida social; podem dar um pouco do muito que tem para minorar os problemas daqueles que nada tem.

O campo da estimulação cardíaca desenvolveu-se e aprimorou-se nos últimos anos a um custo elevado pela tecnologia empregada. Não estamos, contudo, reivindicando mais do que a população tem direito e menos do que os especialistas merecem para continuar dando aos pacientes o que existe de melhor para a preservação da vida e de sua qualidade.